



PSICOLOGIA

Argumento



periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento

A experiência materna com a educação durante a pandemia de COVID-19

Maternal experience with education during the COVID-19 pandemic

Experiencia materna con la educación durante la pandemia de COVID-19

ADAMS HENRIQUE FRIEDEMANN TAVARES ^[A] 

PORTO ALEGRE, RS, BRASIL

^[A] UFRGS, INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO HUMANA, INSTITUTO DE PSICOLOGIA, DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA PERSONALIDADE

CESAR AUGUSTO PICCININI ^[B] 

PORTO ALEGRE, RS, BRASIL

^[B] UFRGS, INSTITUTO DE PSICOLOGIA, SERVIÇO SOCIAL, SAÚDE E COMUNICAÇÃO HUMANA, INSTITUTO DE PSICOLOGIA, DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA PERSONALIDADE

Como citar: FRIEDEMANN, A.; PICCININI, C. A. A experiência materna com a educação durante a pandemia de COVID-19. *Psicologia Argumento*, 44(124), 1413-1430. <https://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.44.124.A05>

Resumo

No contexto da pandemia de COVID-19, os estabelecimentos de ensino precisaram ser fechados, dificultando o acesso das crianças à educação. Além de afetar a educação formal, as medidas de distanciamento social impactaram também a dinâmica familiar, com repercussões no bem-estar e na saúde mental de todos, em especial das mães que desempenham, ainda hoje,

^[A] Mestre em Psicologia, e-mail: adamsfmann@gmail.com

^[B] Doutor em Psicologia, e-mail: piccicesar@gmail.com

a principal função de cuidado parental. O objetivo do presente estudo foi investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Foi realizado um estudo de caso múltiplo, no qual foram entrevistadas cinco mães com filhos que ingressaram no Ensino Fundamental em escola pública de Porto Alegre ou região metropolitana, entre 2020 e 2021. Os dados foram analisados a partir da Análise Temática, que levou à construção de um tema e três subtemas. Os resultados evidenciaram o desamparo vivenciado pelas participantes diante do contexto da pandemia e a sobrecarga das mães que passaram a desempenhar o papel de professora dos próprios filhos. A partir dos resultados, destaca-se a importância da atenção ao bem-estar e à saúde mental materna, bem como da escola enquanto local de desenvolvimento humano e amparo à família no processo de educação e de inserção social da criança.

Palavras-chave: isolamento social. Maternidade. Ensino fundamental. Infância.

Abstract

In the context of the COVID-19 pandemic, schools had to close, making it difficult for children to access education. In addition to affecting formal education, social distancing measures also impacted family dynamics, with repercussions for the well-being and mental health of everyone, especially mothers, who continue to play the primary role in parental care. The objective of this study was to investigate maternal experiences with the education of children entering elementary school during the COVID-19 pandemic. A multiple case study was conducted, in which five mothers whose children entered elementary school in a public school in Porto Alegre or its metropolitan region between 2020 and 2021 were interviewed. The data were analyzed using Thematic Analysis, which led to the construction of one theme and three subthemes. The results highlighted the helplessness experienced by the participants in the context of the pandemic and the overload faced by mothers who had to take on the role of teachers for their own children. Based on the results, the importance of attention to maternal well-being and mental health, as well as school as a place for human development and support for the family in the process of education and social integration of the child, is highlighted.

Keywords: social isolation. Motherhood. Primary education. Childhood.

Resumen

En el contexto de la pandemia de COVID-19, las escuelas tuvieron que cerrar, lo que dificultó el acceso de los niños a la educación. Además de afectar la educación formal, las medidas de distanciamiento social también impactaron la dinámica familiar, con repercusiones en el bienestar y la salud mental de todos, especialmente de las madres, quienes aún desempeñan el papel principal de cuidado parental. El objetivo de este estudio fue investigar las experiencias maternas con la educación de los niños que ingresaron a la escuela primaria durante la pandemia de COVID-19. Se realizó un estudio de caso múltiple, en el que se entrevistó a cinco madres cuyos hijos ingresaron a la escuela primaria en una escuela pública de Porto Alegre o su región metropolitana entre 2020 y 2021. Los datos se analizaron mediante el Análisis Temático, lo que condujo a la construcción de un tema y tres subtemas. Los resultados destacaron la impotencia experimentada por los participantes en el contexto de la pandemia y la sobrecarga de las madres que comenzaron a desempeñar el papel de maestras para sus propios hijos. Con base en los resultados, se destaca la importancia de la atención al bienestar materno y a la salud mental, así como la escuela como lugar de desarrollo humano y de apoyo a la familia en el proceso de educación e integración social del niño.

Palabras clave: aislamiento social. Maternidad. Educación primaria. Infancia.

1. Introdução

A família desempenha papel fundamental ao desenvolvimento humano em suas diversas dimensões. É na presença do outro, materializada pelos cuidados parentais, que o sujeito se constitui psiquicamente, ocorrendo a inscrição, no bebê, das representações que o humanizam e o inserem simbolicamente na cultura (Kamers & Baratto, 2004). O impedimento da continuidade do desenvolvimento humano desencadeia efeitos prejudiciais a esse processo, de forma que saúde e maturidade estão intimamente relacionadas (Winnicott, 1982). A presença e o apoio de adultos – constituintes do ambiente de cuidado – que desempenham a função parental favorecem a integração do bebê, conduzindo assim à sua organização egoica e à sua gradual apreensão do mundo que o cerca (Dias, 2003).

Os cuidados e as interações, originalmente provenientes da família, são expandidos quando do ingresso da criança na escola, à medida que ela se depara com novas figuras de identificação, como professores e colegas. Além do desenvolvimento cognitivo e acadêmico, o processo de escolarização ampara a construção da identidade da criança a partir de sua assunção de um papel social: o de aluno (Neves et al., 2017), razão pela qual é atribuída à instituição escolar uma função além do ensino, que diz respeito à socialização. Nesse sentido, em função coextensiva à da família, a escola assume parcialmente a responsabilidade de efetuar o trabalho civilizatório dos sujeitos (Martins, 2001).

Assim, o compromisso familiar inclui o envolvimento de mães e pais com a educação de seus filhos em casa e na escola, bem como a qualidade de sua relação com professores. O estudo de Ogg et al. (2021) indica que a participação parental se associa a menores índices de comportamentos externalizantes, a um maior repertório de habilidades sociais e a um melhor desempenho acadêmico das crianças. Além disso, o envolvimento ativo dos educadores também é essencial à promoção de saúde na infância e à prevenção de situações que comprometem o bem-estar dos alunos. A escola desempenha um papel crucial em identificar problemáticas psicossociais na infância. Nessa direção, Beltrame e Boarini (2013) encontraram que 60% de casos encaminhados a Centros de Atenção Psicossocial – Infância (CAPSi) envolviam queixas escolares, correspondendo a mais de um terço dos encaminhamentos para serviços de saúde mental.

Esses dados ilustram a importância da instituição educacional para o desenvolvimento das crianças e para a identificação de problemas psicossociais na infância. A partir dessa premissa, houve grande preocupação a respeito dos impactos psicossociais do fechamento de escolas na vida das crianças e suas famílias, como aconteceu durante a pandemia de COVID-19, declarada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, que levou à execução de diversas ações de mitigação e contenção da doença. Dentre as medidas que buscaram o controle da disseminação do vírus, foram estipulados o distanciamento social e, em casos mais extremos, o lockdown, que levou ao fechamento compulsório de serviços considerados não essenciais, incluindo os estabelecimentos de ensino (Bianchini, 2020).

O impacto do fechamento das escolas foi muito sentido pelas famílias. Em levantamento realizado com 1266 famílias com crianças de até 6 anos de idade, Otero-Mayer et al. (2021) apontaram que apenas 58,2% das famílias se sentiam prontas para lidar com a educação dos filhos no contexto da pandemia. A pesquisa indicou ainda que 17,3% delas relataram não possuir tempo suficiente para se dedicar à tarefa de cuidado parental. Muitas mães e pais relataram que seus filhos sentiram falta da rotina e da estrutura fornecidas pelo enquadre escolar, mesmo quando foram providos de atividades lúdicas semelhantes às da escola (Egan et al., 2021).

O distanciamento social favoreceu a tolerância parental com o tempo de exposição dos filhos às telas (Betti, 2021; Silva, 2020), inclusive em razão da efetiva necessidade das mídias digitais para a participação em aulas e a realização de trabalhos escolares. Ainda assim, as famílias demonstram preocupação com a perda de socialização de seus filhos no período de aulas virtuais (Tonocchi, 2021). Entretanto, mesmo as famílias que conseguiram acessar o ensino remoto enfrentaram diversos empecilhos. Nas semanas iniciais do ensino remoto, os familiares se apresentaram bastante presentes na educação dos filhos, comunicando à professora suas dúvidas e aflições; contudo, gradualmente as famílias relataram sobrecarga de atividades escolares dos filhos e dificuldade de seu cumprimento (Ávila, 2021). Neste panorama, mães e pais passaram a desempenhar um papel central na escolarização de seus filhos, visto que os cuidadores se tornaram a principal fonte de mediação entre a escola, o ensino e as crianças.

Conforme exposto acima, a pandemia de COVID-19 pode ter tido grande impacto em diversos aspectos da vida de indivíduos e suas famílias, como a interação de filhos e pais entre si e com a escola, colegas de classe e professores. Em particular, a educação foi afetada de forma significativa, prejudicando os processos de escolarização e socialização de crianças, uma vez que os estabelecimentos de ensino foram fechados por um longo período de tempo. A capacidade de cuidar depende parcialmente da saúde mental de mães e pais, visto que estes funcionam como um amenizador do impacto causado por situações de estresse, que influenciam o funcionamento familiar e a adaptação infantil (Wade et al., 2021).

Portanto, foi importante investigar os efeitos da pandemia na dinâmica das famílias. Neste estudo, optamos por estudar a experiência das mães com a educação de crianças, visto que elas se mostraram particularmente envolvidas com a educação de seus filhos. Por seu envolvimento predominante com a educação dos filhos (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024), as mães foram o foco do presente estudo. A partir dessas considerações, o objetivo do presente estudo foi investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19.

2. Método

2.1 Participantes

Participaram desse estudo cinco mães que residiam com ao menos um filho que tivesse ingressado no Ensino Fundamental entre 2020 e 2021 em escola pública de ensino fundamental de Porto Alegre ou região metropolitana. A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas das participantes. Os nomes das participantes e de seus filhos foram substituídos por nomes fictícios. As participantes tinham idade entre 30 e 40 anos e escolaridade que variava de Ensino Fundamental incompleto a Ensino Superior incompleto, enquanto seus filhos tinham entre 8 e 9 anos de idade.

Tabela 1 – Características sociodemográficas das participantes

Caso	Participante	Idade	Raça/cor	Escolaridade	Possui trabalho com renda?	Estado civil	Nº de filhos	Fi-lho(a)	Idade	Ano de ingresso no EF	Data da entrevista
C1	Alice	44	Branca	Superior incompleto	Sim	Sepa-rada	2	Leon	9	2020	07/2022
C2	Jane	32	Negra	Médio incompleto	Não	Sepa-rada	2	Jonas	8	2021	07/2022
C3	Cibele	30	Branca	Fundamen-tal incompleto	Não	Casada	2	Karen	8	2020	08/2022
C4	Fabíola	47	Negra	Médio/téc-nico completo	Sim	Casada	3	Pietro	9	2020	12/2022
C5	Jussara	32	Branca	Médio completo	Sim	Casada	1 (ges-tante)	Moni-que	8	2021	01/2023

2.2 Delineamento, procedimentos e instrumentos

Foi utilizado um delineamento de estudo de caso múltiplo (Stake, 2006) para investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19. Segundo Stake (2006), o foco do estudo de caso múltiplo é a compreensão de um fenômeno, mais do que as particularidades dos casos. O autor propõe entre 4 e 10 casos como sendo um número adequado para se conhecer o fenômeno, sem a intenção de alcançar a saturação dos dados. A intenção original do estudo foi realizar a entrevista com 8 participantes, devido à sua

natureza exploratória, o que permitiria o zelo pela análise aprofundada do fenômeno estudado. Contudo, em razão da adesão limitada à participação na pesquisa, o número final de participantes precisou ser restringido. A amostra foi alcançada por conveniência, de acordo com a ordem de disponibilidade para participação.

As participantes foram convidadas a participar do estudo através da divulgação da pesquisa em redes sociais (Instagram, Facebook, WhatsApp). Os objetivos e procedimentos foram apresentados às participantes interessadas através de contato telefônico ou rede social. Com aquelas que concordaram em participar, foi agendado um horário para assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), preenchimento da ficha de dados sociodemográficos e realização de entrevista.

A Ficha de dados sociodemográficos (adaptado de NUDIF, 2011) foi utilizada para obter dados sociodemográficos como idade, estado civil, escolaridade e ocupação.

O roteiro de entrevista sobre a experiência parental com a educação de crianças durante a pandemia (adaptado de NUDIF, 2014) tinha por objetivo investigar a experiência parental com a pandemia e o distanciamento social, especialmente no que se refere à educação de crianças ingressantes no ensino fundamental. É composta de cinco blocos com questões abertas. O primeiro bloco se refere à experiência da participante com a pandemia em relação à dinâmica familiar e aos cuidados parentais. O segundo bloco diz respeito à experiência do filho do participante com a pandemia. O terceiro bloco investiga a experiência da participante com a educação do filho durante a pandemia e o distanciamento social. O quarto bloco se relaciona à experiência presente da participante com a educação do filho. Por fim, o quinto bloco aborda a percepção da participante quanto a sua experiência com a educação do filho em momento anterior à pandemia. Para além da coleta de dados, a aplicação da primeira entrevista foi realizada como forma de teste-piloto, compreendido como satisfatório na coleta de informações relevantes ao estudo. O roteiro de entrevista completo está disponível no Anexo A.

Foi realizado um encontro com cada participante, de forma online, usando a plataforma Google Meet. A entrevista com cada participante teve duração de um encontro, no qual foi realizada a aplicação de todo o roteiro de entrevista. A entrevista foi gravada em vídeo, com anuência das participantes e, posteriormente, transcrita integralmente.

2.3 Análise de dados

A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática (Braun et al., 2019). A análise temática se propõe a interrogar padrões dominantes de significado que rodeiam fenômenos particulares e endereçar questões referentes a grupos sociais específicos, além de descrever suas experiências de vida e examinar fatores que influenciam, sustentam ou contextualizam processos ou fenômenos particulares nesses grupos sociais (Braun et al., 2019). Nesse estudo, a análise dos dados foi realizada de forma integrada, a partir da análise cruzada (Stake, 2006), visando à identificação de padrões de significado compartilhados ao longo e através das entrevistas com as participantes da pesquisa.

A análise seguiu os seis passos propostos pelas autoras (Braun & Clarke, 2006; Braun et al., 2019): 1) familiarização com os dados; 2) geração de códigos iniciais; 3) busca por temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação dos temas; e 6) produção do relatório.

A análise de dados foi conduzida indutivamente, de modo que o processo de codificação dos dados não tentou encaixá-los em um quadro de codificação pré-existente. Os temas foram desenvolvidos a partir dos dados coletados, não sendo previamente condicionados por conceitos ou ideias específicos, nem determinados por temas identificados previamente pela literatura (Braun & Clarke, 2006). Foi utilizado o software NVivo Versão Release 1.5.1 (<https://lumivero.com/products/nvivo/>) para a codificação e categorização dos dados coletados nas entrevistas, a partir dos quais foram construídos os temas.

2.4 Considerações éticas

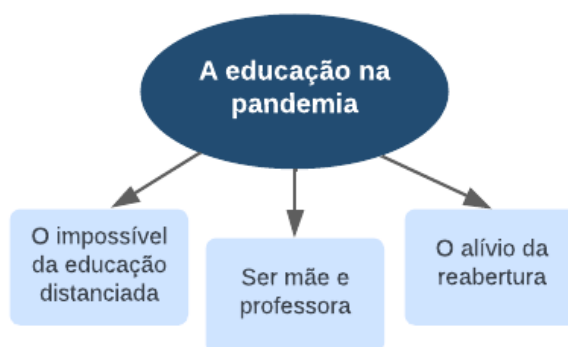
O presente estudo atendeu às determinações presentes na Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas éticas para a pesquisa com seres humanos no campo das Ciências Humanas e

Sociais. Também atendeu às normativas do Ofício Circular nº. 02/2021/CONEP/SECNS/MS, que dispõe sobre orientações para procedimentos em pesquisas em ambiente virtual. O projeto foi submetido e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, sob parecer nº 48644621.9.0000.5334.

3. Resultados

O objetivo do presente estudo foi investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no Ensino Fundamental durante a pandemia de COVID-19, que envolveu o fechamento das escolas e o isolamento social. Do processo de análise de dados, foram gerados 24 códigos, a partir dos quais foi construído um tema, do qual derivaram três subtemas¹. A Figura 1 apresenta os resultados da análise temática, da qual derivou um tema e três subtemas, descritos a seguir e ilustrados com os relatos das próprias mães.

Figura 1 – Temas e subtemas



O tema A educação na pandemia, abordou a experiência materna com a educação de seus filhos, ingressantes no Ensino Fundamental, durante a pandemia. Através dos relatos das falas das participantes, apresenta-se suas experiências com o desafio de educar seus filhos sem o auxílio direto da escola e dos profissionais da educação. Associado a esse tema, foram derivados três subtemas: O impossível da educação distanciada, Ser mãe e professora, e O alívio da reabertura, que são caracterizados a seguir e ilustrados com os relatos das mães.

3.1 O impossível da educação distanciada

Apesar da “frustração geral”, relatada por uma participante (C1, conforme Tabela 1), expressar o sentimento de todas as participantes, ela e outras mães também relataram uma experiência inicial mais amena em relação ao ensino remoto, ocasionado pelo fechamento das escolas durante a pandemia de COVID-19. Ela conta que “A gente começou bem empolgado. Eu me incorporei lá a professora, peguei o ritmo, peguei os livros, peguei o material, criei alfabeto pela casa inteira, onde eu podia riscar, onde eu podia colar” (C1). De início, a participante C4 não percebia grande diferença com essa nova modalidade de ensino: “Era bom, era a mesma coisa como se tivesse na aula. Claro, que não ia ter contato, né? O contato físico, no caso, mas ele conversava tudo direitinho. Consegui desenvolver bem” (C4). A participante C2 também menciona a tranquilidade desse período: “vinham bastante joguinhos, assim, jogos da memória. A escrita do nome dele, né? Aprender as letrinhas também. Os números foi mais depois, mas bem no início foi as letras que ele teve que aprender, assim. E foi bem tranquilo” (C2).

A participante C4 explicou as necessárias mudanças de rotina para poder acompanhar os estudos dos filhos: “Eu comecei a pegar só três dias por semana no serviço. Aí eu ficava em casa e ajudava eles” (C4). A participação se mostrava de diversas formas, como o estímulo ao estudo: “Eu sempre em cima ali, cobrando. Eu pegava os livrinhos ali

¹ Para maior detalhamento do processo de análise de dados, conferir Tavares, 2024.

e pedia pra ela ler pra mim” (C3), ou o contato com as professoras: “Eu tô sempre na função, né? Tô sempre ligada nas professoras, falando com as professoras” (C4). Essa mesma mãe alude à participação do companheiro no acompanhamento da rotina escolar, o que é apontado também por outra participante: “Eu e o pai dela, os dois, a gente ajudou bastante, assim, todos os dias, era todos os dias de tarde a gente tinha uma rotina, né, pra conseguir dar conta” (C5).

Aos poucos, a educação na pandemia, distanciada da escola e das educadoras, começou a apresentar dificuldades e se mostrar impossível para muitas mães. O processo de alfabetização, um dos principais focos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, foi uma grande dificuldade relatada pelas participantes, gerador de angústia e frustração. Uma mãe (C4) menciona que o filho desenvolveu pouco a escrita durante a pandemia, não estando alfabetizado até o momento da entrevista, dois anos após o início do processo. Outra compartilhou a dificuldade da filha, mencionando os desafios da alfabetização:

Foi muito ruim. Foi... não foi boa. A gente se frustrou bastante por achar que ela não ia conseguir, que a gente não tava conseguindo, por a gente não sabia ensinar e por ela não conseguir aprender, só que... quem tava errado era nós, né, de achar que ela tinha que saber. E ela... no final, ela conseguiu. Ela conseguiu no primeiro ano, no finalzinho ali da aula daí, que foi quando voltou [ao ensino presencial], né? (C5)

Já uma das participantes também se mostrou frustrada com a alfabetização do filho, que deveria ter acontecido no primeiro ano, em 2020: “Quando eu estava quase conseguindo, [a escola] entrou em férias. Perdemos o foco, né? Aí, já era verão. Eu também já não tava mais com tanta paciência assim. Já tinha passado um ano, isso foi desgastante, né?” (C1). Responsável pelo processo de ensino do filho, ela expõe a impossibilidade de alcançar o objetivo almejado, que leva a família a uma adaptação apressada e, segundo ela, insuficiente. Ela se apresenta desapontada com a falta de orientação e apoio por parte da escola:

Eu brigando lá com o colégio. Ia entregar [as atividades didáticas] e dizia, se eles queriam que eu fizesse, porque ele não tinha condição de fazer. E aí foi indo. A gente vai se adaptando. Daí depois eu consegui para que ele frequentasse um laboratório na escola [...] Essa última semana agora que ele foi conseguir ler uma frase. Então eu vi que ele tinha conseguido, né? Evoluiu muito. Fiquei muito feliz. Porque foi um processo bem difícil de pensar. (C1)

Diante da adversidade encontrada na alfabetização, ela expressa sua preocupação com o futuro acadêmico do filho, por estar “Perdendo a fase que ele precisa, porque depois é mais difícil alfabetizar uma pessoa com idade avançada, já é bem mais difícil do que na fase dele. Acredito que eles estão preparados, naquela idade, para receber aquelas informações” (C1). Por outro lado, uma única mãe narrou uma experiência diferente, indicando o sucesso na alfabetização da filha e seu avanço nos estudos:

Foi bem tranquila, porque como eu te falei, né, eu sempre tava ali, do lado dela, ajudando [...] ela tá no terceiro ano, e a Karen sabe ler e escrever. Tem crianças ali que não sabem ler e nem escrever. Então na pandemia não afetou muito porque ela teve aula online, tinha os trabalhos e a gente nunca deixou de acompanhar. Então não... Foi diferente porque não era presencial, com a professora ali. Mas enquanto a educação dela ali, o aprendizado, eu acho que não afetou em nada. Porque até ela tá bem avançada. (C3)

Contudo, ela também encontrou dificuldades diante desse cenário de educação remota, destacando que:

Tinha as folhinhas, trabalhos em casa, aula online. Às vezes era bem estressante, porque vinha muito trabalho, assim. Eles faziam mais trabalhos em casa do que no colégio. E daí às vezes a professora demorava um pouquinho pra mandar, assim, acumulava muito trabalho. [...] foi bem complicado esse estudo durante a pandemia, porque tinha muito trabalho, era muita folhinha. (C3)

O excesso de atividades escolares foi uma reclamação significativa por parte da maioria das participantes. A participante C1 afirma que era “Atividade em cima de atividade, que o pai acabava fazendo para poder entregar. Porque

se a criança não era alfabetizada, ela não tinha condições de fazer, nem de ler a pergunta que era necessário para responder” (C1). Outra mãe parece ter se sentido particularmente sobrecarregada com o excesso de conteúdos durante o ensino remoto:

É, foi bem difícil assim, foi bem complicado, foi muito ruim, a minha experiência, assim, com aulas remotas, porque era muito conteúdo, as profes mandavam todo dia vídeo, conteúdo, era coisinha pra recortar, pra pintar, pra colar. [...] aí tu leva na escola, eles não faziam metade do que eles faziam em casa nas aulas... remotas. Eu acho que foi bem desgastante, assim, pra... pras crianças e pros pais também. (C5)

Além do cansaço e da frustração causados pelo excesso de atividades e exercícios, uma das mães também se mostrou insatisfeita com as aulas online síncronas que a escola disponibilizou ao filho em 2021, conforme relatou:

Começou as aulas online ali, acho que foram três ou quatro aulas. Ele sempre participou. De uma hora só, no máximo, a aula. Fazia meia dúzia de exercício ali, eu acho que era mais para ter o contato, pra ver os colegas. Pra ver como é que funcionava uma aula online, porque não era realmente produtiva, né? Não se produzia muita coisa em três aulas online pra crianças dessa idade, não alfabetizadas, né, é uma coisa, assim, mais em torno de brincadeira. (C1)

Apesar da insuficiência das aulas online, outra mãe parece descrever com certo alívio o contato mais próximo da filha com a professora e os colegas, por meio dos encontros virtuais: “Eu achava bom, interessante, porque a professora tava ali pra explicar, assim, pra eles [...] Mas eles gostavam bastante de interagir, assim, com a professora” (C3). Por outro lado, e diferentemente dos outros casos, uma das mães não permitiu que o filho participasse das aulas online síncronas:

Optei por não participar das aulas online porque eu queria... [...] Foi uma entrada pras crianças ficarem muito dependentes, sabe, da tecnologia. E eu quis fazer diferente, entendeu? [...] Eu prefiro que eles interajam entre os dois, prefiro que eles brinquem com brinquedos físicos, sabe? [...] Eu vi muita criança se transformar em robzinho, sabe? Na pandemia. (C2)

Como pode ser visto nos relatos acima, a educação durante a pandemia se mostrou extremamente desafiadora para as mães entrevistadas. Inicialmente, a novidade da educação remota foi experienciada como algo interessante e sem grandes impactos negativos na vida cotidiana, levando as mães a se adaptarem ao novo formato educativo com empenho e envolvimento pessoal. Contudo, rapidamente essa mudança provocou desgaste e frustração às mães e seus filhos, dado que demandava delas grande dispêndio de tempo e energia para acompanhar de perto a rotina escolar, responsabilidade inédita nessas proporções. Foi assim que a educação distanciada se mostrou difícil de concretizar, dada a insuficiência de auxílio pedagógico da escola e das professoras, em especial no que se refere à alfabetização, objetivo básico dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Frente às dificuldades na alfabetização das crianças, constatamos sentimentos de frustração, culpa, impotência e sobrecarga nas mães que, em razão das circunstâncias, tiveram de assumir um papel que antes não lhes cabia.

3.2 Ser mãe e professora

Frente à necessidade de educar os filhos durante a pandemia, as mães tiveram de assumir a função de professoras, para a qual não estavam preparadas. Esse se mostrou um dos principais desafios da educação naquele momento. De forma geral, as participantes se sentiram desamparadas diante dessa tarefa, que desempenharam quase totalmente “Sem o acompanhamento de um professor” (C1), ainda que ela fosse por vezes facilitada pela eventual presença de uma figura que efetuava complementarmente esse papel. Esse foi o caso de uma das mães, cuja irmã era professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Ela relata a experiência que teve com a alfabetização do filho, que contou com o apoio da tia:

Eu tenho uma irmã que é professora de séries iniciais, então o Jonas conseguiu ser alfabetizado em casa. [...] Ele não participou de nenhuma aula online. Eu preferi imprimir as atividades e ele fazer em casa. Então ele fez o tempo todo assim, e foi bem tranquilo. [...] eu ia na escola, buscava e ele fazia em casa. Mas a alfabetização do Jonas foi bem tranquilo, né, porque a tia dele é professora, minha irmã, e ele conseguiu ser alfabetizado em casa. Então, nesse sentido, foi bem tranquilo. (C2)

No entanto, esse caso foi uma experiência isolada. A sensação recorrente entre as participantes foi expressa quando uma das mães diz: “Eu incorporei a professora” (C1), explicando: “Peguei a fase da alfabetização. Estava quase conseguindo eu mesma alfabetizar. Quando acabou o ano de 2020 eu já estava quase alfabetizando” (C1). Essa vivência foi compartilhada por outra participante, que afirmou: “Eu me senti a professora dela, né? Porque era eu pra tudo ali. Às vezes era estressante ali. Mas... tinha que ajudar, tinha que acompanhar ela” (C3). Ela menciona a falta de saída diante do fechamento das escolas, quando as mães se tornaram as responsáveis pelo ensino dos filhos. Uma participante relatou sua vontade de buscar auxílio externo especializado, de alguém capacitado para esse trabalho: “É muito difícil para um pai, para uma mãe sem preparação. Tanto que se eu tivesse condição, eu teria pago uma professora particular. É que eu não tive dinheiro para isso, mas meus planos, eu estava tentando ver uma alternativa para pagar uma professora particular, porque eu não consegui aceitar o fato de uma criança na terceira série não ser alfabetizada”. (C1)

Por vezes, a mãe poderia buscar o auxílio externo de alguém capacitado para a tarefa; em outros momentos, existia a vontade, que não pôde ser concretizada. Outras vezes, ainda, o auxílio surgia de forma improvisada, conforme conta relata uma mãe: “Às vezes eu pegava e eu passava, e dava pra irmã dela ensinar, o pai dela. Tinha que limpar casa, fazer comida, tinha esses trabalho, tinha que acompanhar aula online... Eu me sentia muito sobrecarregada” (C3). A participante menciona outra questão de grande peso para as mães: a sobreposição de papéis e a sobrecarga advinda da mesma. Ao mesmo tempo em que elas passaram a exercer a função docente, elas não deixaram de ser mãe, esposa e trabalhadora, tendo de equilibrar as diversas demandas. Outra participante também menciona esse problema: “Ter que trabalhar, cuidar de casa, cuidar de todos os cuidados e ainda alfabetizar uma criança, ser a professora, foi bem difícil. Eu estava estressada. Resolvi dar um tempo nas férias para a cabeça dele e pra minha [...] a gente voltou em 2021 sem ele saber nada que tinha aprendido em 2020. Comecei o processo novamente”. (C1)

Situação semelhante é descrita por outra mãe:

Eu tava [como] mãe e professora, então às vezes eu tinha até medo, né? Porque, tinha que tá toda hora ajudando e ensinando e eu não me formei como professora, então eu não tenho as habilidades, né. Então eu queria que ela fizesse e ponto, tem que fazer tudo certo, mas não é assim que funciona, descobri isso depois no final quando a profe me disse que não era só ela que não sabia ler, a turma toda não sabia. Que todos eles iriam pro segundo ano, mas eles iriam repetir todo o conteúdo de novo, pra eles aprenderem, e online ali foi totalmente diferente, né? Só uma revisão mesmo. (C5)

A impossibilidade de desempenhar o papel de professora se torna premente a partir do relato das mães, que escancaram que “Eu não sou preparada para isso, né? Então eu fiz o que estava ao meu alcance. Mas eu me considero, assim, dentro ali [do] nível dos pais que responderam às expectativas da escola quanto ao auxílio” (C1). Isso também é ilustrado pelo seguinte relato: “Quando eu fazia as atividades era um pouco mais difícil, né? Porque eu não tenho experiência [como professora], então pra mim foi mais difícil” (C2). As mães fizeram o possível a fim de alcançar o objetivo do ensino, ainda que longe das escolas. Foi necessário aprender a ensinar – mesmo que de forma escassa – e adaptar-se para manejar os impasses que surgiam no processo. É o que conta uma delas:

Tentei ser... a melhor, né? Mas acho que eu não ajudei muito. Pelo fato de eu querer cobrar dela, por eu achar que ela... teria que saber, né, aprender rápido. Porque tem crianças que já liam no primeiro ano, os coleguinhos dela, mas a maioria não [...] Cada criança tem o seu tempo, e daí eu lidei, assim, talvez da forma errada. Eu quis dar o meu melhor, mas talvez eu cobrei muito dela. (C5)

O mesmo aconteceu com outra mãe, que narra as idas e vindas do processo de educação na pandemia, que era permeado por ritmos diversos e, por vezes, conflitantes: “Às vezes pra mim era complicado, né. Porque não queria fazer, às vezes ela tava sem paciência, como eu te falei, era muito trabalho. Mas tem dia que ela queria fazer as coisas, assim. E como eu te falei, era muito trabalho, assim, e tinha que copiar bastante coisa às vezes. Ela cansava”. (C3)

Para além das funções já desempenhadas pelas mulheres entrevistadas (como o cuidado parental, as relações conjugais e a profissão), que se mesclaram na pandemia, foi necessário que elas assumissem um novo papel nesse cenário: o de professora. Nenhuma das mães entrevistadas era capacitada à docência e apenas uma contava com o apoio constante de uma educadora. Essa constatação é sustentada pelo relato das mães, que logo se mostraram exauridas pela atribuição de ensinar seus filhos, sem as ferramentas apropriadas para esse trabalho. Isoladas nesse papel, elas se viram diante da exigência da alfabetização, base do ensino formal, que não foi concretizada ao nível considerado adequado por elas, percepção justificada pelas educadoras em seus esporádicos contatos. Por não alcançarem a alfabetização plena, foi comum o sentimento de frustração entre as mães, apesar de seu desejo e empenho na educação dos filhos. O desamparo se mostra presente por revelar a impotência das mães na execução da tarefa de ensino, bem como por mostrar a necessidade de um outro que faça o trabalho para o qual as mães não têm competência técnica. Com essa experiência, é compreensível o desejo das mães de se distanciarem do papel de professora.

3.3 O alívio da reabertura

Nesse cenário de ensino à distância, as mães tiveram de desempenhar também o papel de professora. Permeada por inúmeras dificuldades, a experiência da educação nesse momento aconteceu, ainda que atravessada pelas angústias das mães. Conforme apontado acima, o desempenho da função docente foi considerado um dos maiores desafios pelas participantes, de modo que elas manifestaram grande alívio diante do processo gradual de retorno ao ensino presencial, segundo relata uma das participantes: “Eu me senti muito feliz também, pela parte [de] professora ensinar ela, né? [...] Eu não estudei pra isso, então, eu creio que as profes têm isso, aprenderam, têm esse dom, de saber explicar melhor, tudo assim, de uma forma mais clara, mais fácil também. Então pra mim foi muito bom o retorno dela às aulas [presenciais]” (C5).

Opinião compartilhada por outras mães (C3 e C4), uma das quais expressa a mudança ocorrida após a reabertura das escolas: “Foi bem melhor. Diminuiu mais as tarefas” (C3). Ela faz menção inclusive à mudança no convívio familiar: “Porque daí [na época do distanciamento] também era as duas [filhas] em casa, né? E daí às vezes tinha os dias dos estresses, elas acabavam brigando” (C3). Outra mãe enfatiza o alívio quando o filho pôde retornar presencialmente às aulas, ainda que as mesmas, inicialmente, acontecessem em período reduzido:

Super feliz. Super tranquila. Não pelo tempo que ele passa ali, porque, vou te dizer que durante esse mês aí a gente está tendo aula, eles estão tendo aula da uma e trinta às três e dez. Tudo reduzido [...] Mas só o fato de ele ter evoluído nessa parte da alfabetização, e de ele ter convivência com outras crianças [...] pra mim está ótimo. Estou gostando bastante das atividades deste ano, tem bastante atividades. Estou bem satisfeita assim este ano com o retorno. (C1)

Como indicado acima, houve uma única exceção ao sentimento de alívio em relação ao retorno do ensino presencial. Uma das mães manifesta sua insatisfação com a obrigatoriedade do retorno à educação presencial: “Esse ano eles tiveram que voltar às aulas. Tipo, não teve essa opção, senão os meus não voltariam. Eles voltaram porque tinha que voltar, porque senão os meus não voltariam. E o Jonas não queria” (C2). Ela descreve que, ao final de 2021, momento inicial de retorno às aulas presenciais, as famílias puderam optar pela modalidade de ensino: “Tinha que assinar um termo, né, os pais que queriam e os pais que não queriam. Podia continuar pegando as atividades impressas, as aulas online, ou as aulas presenciais. Eu preferi continuar do mesmo jeito que eu tava” (C2). Ainda no momento da entrevista, ela se mostrava bastante apreensiva em relação ao contato físico do filho com outras pessoas: “É que nem eu te disse, eu, por mim, não teria voltado, né? Pro presencial, não. Ainda não, pelo menos. Mas voltou [...] passeio eu

ainda não deixo ir, sabe? Eu ainda não autorizo ele [a] ir nos passeios” (C2). Ainda assim, ela reconhece o benefício da interação social na vida de Jonas, a partir do retorno à escola: “Por um lado foi bom, justamente, que nem eu te disse, pra socializar” (C2). Ela refere ainda que, atualmente, o filho “Tem se mostrado bem satisfeito, e ele tá gostando também, por mim tá bom assim. Não tenho mesmo do que reclamar. A professora dele é ótima. A escola apoia bastante cada família. Então pra mim tá tudo tranquilo” (C2). Apesar de sua dificuldade inicial e relativa demora em se reacostumar à educação presencial, a participante relata como foi sua experiência de adaptação:

No começo eu ficava mais apreensiva dentro de casa, né? Agora tá mais tranquilo, porque eles têm o álcool em gel pessoal deles, eles levam máscara reserva, eles tomam água o tempo todo. A saúde dos dois é muito boa, graças a Deus, né? Mas eles não deixam de ser crianças, né? Uma hora ele pode cansar e querer baixar a máscara, outra hora ele pode esquecer de lavar a mãozinha. Mas tá sendo bem tranquilo. (C2)

De forma geral, as mães se mostram satisfeitas com o estado atual da educação dos filhos. Uma delas afirma que “Tô gostando do ensino deles. Tão, tão puxando super bem” (C4). Outra mãe também afirma sua satisfação com o ensino e com a escola, apesar de não ter comunicação direta com a professora do filho:

A escola tá sendo muito boa! A escola chama os pais pra conversar. Eles entendem, até comentam toda hora, sobre ter muitos pais que não têm paciência. Eles comentam até toda hora que, se pra nós foi difícil, imagina pras crianças, né? A escola tá sendo, assim, bem querida, tá bem apoiando assim, sabe? [...] No turno da manhã da escola aconteceram bastantes brigas. E daí reduziram os horários dos pequenininhos, pra eles não presenciarem. Até se acalmar isso aí. Então a escola tem sido bem parceira. (C2)

Outra das mães também se mostra satisfeita com a educação atual da filha e a comunicação com a escola, descrevendo as reuniões de entrega de avaliação: “A professora fala sobre comportamento, aprendizado dos alunos. [...] tem alunos ali que são mais avançados, tem alunos ali que não são alfabetizados. [...] Ela não pode avançar com as atividades dos alunos que são mais avançados por conta desses que não são alfabetizados, daí tava atrapalhando” (C3).

Quanto a isso, uma das participantes representa um caso singular, mencionando enfaticamente sua insatisfação com a dificuldade de contato com a escola e a pouca abertura que esta tem para conversar com as mães e os pais:

Não, [a escola] não [chama] para tratar com individualidade de um aluno ou não. Como seria numa escola particular que eu te relatei, que vai tratar sobre aquele aluno ali x, tem que resolver aquele problema ali, então vai chamar o pai, a gente faz daqui, tu faz dali, cada um faz um pouquinho, né. Não. O grupo, eu tenho um grupo também de WhatsApp do próprio colégio, que é só para avisos. Ele não é participativo. (C1)

Outros aspectos da educação atual foram alvo de insatisfação das mães. Uma participante se mostra insatisfeita com o ritmo do ensino pós-pandemia, temendo que sua filha, que conseguiu ser alfabetizada, venha a apresentar algum atraso devido à diferença na aprendizagem dos colegas:

Eu acho bem complicado, porque... como tem alunos ali que já são bem avançados, acaba prejudicando, porque daí a matéria que ela [professora] poderia passar, ela não pode passar, ou ela acaba dividindo as matérias pra alguns diferente dos outros. [...] tem atividades, matérias ali que ela já tá bem atrasada, que ela queria ter passado pros alunos e não conseguiu ainda por conta de alguns alunos que ainda não são alfabetizados. (C3)

Nesse sentido, outra mãe declara que, sempre que possível, ajuda a filha nos temas de casa. Ela também demonstra sua participação na educação da filha: “Participando bastante, das reuniões. Eu e o pai dela, né? [...] nas reuniões da tarde ele tá participando mais, agora quando é reunião ou tem até um evento que o pai ou a mãe tem que ir, aí ele vai, aí depois eu chego atrasadinha, mas eu participo também” (C5).

Dentre as mães entrevistadas, apenas uma não se reconheceu como a principal responsável pela participação na educação do filho, função que fica mais a cargo de seu marido. Ela explica que é ele quem mantém contato mais

próximo com a escola, contudo, ela não se mostra ausente da educação das crianças: “Agora, de momento, eu não tenho mais o número delas [professoras], mas quem tem é o meu marido. Aí ele que tá mais... mais envolvido com elas, assim. Mas ele fica me passando, né? Tiveram atividades [...] Vão ter algumas atividades de festinha: ‘Ah, eu fiz o bolo pro Pietro levar amanhã’” (C4).

Uma participante pôde perceber a mudança ocasionada pela reabertura das escolas, junto com o sentimento de alívio:

Essa semana que eu vi que ele já está conseguindo ler uma frase inteira, eu fiquei bem satisfeita. Eu acho que tem dado certo o trabalho dessa nova professora. E a avaliação dele foi perfeita. Ele passou pro próximo semestre. Não precisa fazer laboratório. Então ele está bem satisfeito. Ele entrega todos os temas, ele já faz o tema sozinho. Alguns erros, claro, mas eu deixo ele fazer sozinho para ela ajudar a corrigir, entendeu? Para fazer com mais independência como se eu não tivesse aqui. Amanhã, depois eu posso voltar a trabalhar no presencial [...] Então tem que tornar ele com uma independência maior, que eu posso olhar eventualmente ou nos finais de semana. É isso que eu queria, entendeu? Tirar da minha responsabilidade esse fardo de alfabetizar o meu filho, sendo que eu não tenho preparação. Eu acho que isso eu consegui. (C1)

A gradual reabertura das escolas representou grande alívio à maioria das mães entrevistadas, das quais apenas uma se mostrou resistente ao retorno ao ensino presencial, em razão de seu medo da doença. Ainda assim, todas as participantes reconheceram os benefícios do regresso das crianças à escola, seja na dimensão acadêmica e cognitiva, seja em termos da sociabilidade e do comportamento. A reabertura das escolas acarretou benefícios também às próprias mães, que se viram dispensadas da obrigação de assumir o papel docente dos filhos, experiência que, durante a pandemia, gerou frustração e sobrecarga. Foi comum a expressão de satisfação das mães diante das melhorias percebidas na alfabetização dos filhos, quando do retorno às escolas, consolidando seu alívio da desobrigação da incumbência de ensinar.

As experiências retratadas pelas participantes indicaram a sobrecarga materna durante a pandemia. Nesse período, grande parte das famílias e, em especial, das mulheres, precisou se adaptar a um contexto no qual se viram como as principais provedoras da função de cuidado, à qual se somou o papel de ensino dos filhos.

4. Discussão

O objetivo do presente estudo foi investigar a experiência materna com a educação de filhos ingressantes no Ensino Fundamental durante a pandemia de COVID-19. O tema construído, através da análise temática (Braun et al., 2019), A educação na pandemia, envolveu três subtemas: O impossível da educação distanciada; Ser mãe e professora; e O alívio da reabertura, ilustrados com os relatos das próprias mães.

Os resultados indicaram que, durante a pandemia, as mães se viram obrigadas a exercitar uma função que antes não lhes cabia: a de professoras. Apesar de uma suposta continuidade pedagógica do processo escolar, com o ensino virtual, as famílias reconheceram uma reorganização do papel docente, constituindo-se mães e pais como a principal figura de transmissão do saber ou acompanhantes do processo de aprendizagem nessas circunstâncias (Serantes et al., 2021). Ainda que os familiares tenham recebido instruções das escolas acerca dos métodos de ensino, sua capacidade de desempenhar as tarefas docentes se mostrou extremamente limitada, considerando sua falta de formação para esse trabalho; assim se constituiu outro entrave ao processo didático (Ávila, 2021; Pigatto, 2021; Serantes et al., 2021), conforme apontado pelo relato das participantes. Esse dado aponta a importância da escola como dispositivo complementar ao cuidado na infância, rede de apoio que foi desarticulada durante a pandemia, devido ao fechamento das instituições de ensino (Pereira et al., 2024).

No presente estudo, também se encontrou que, no início do ensino remoto, as famílias participantes acompanharam de perto a educação dos filhos, cenário que se transformou gradualmente, a partir da sensação de sobrecarga advinda dessa nova responsabilidade, o que também foi destacado por Ávila (2021). Muitas mães identificaram a colaboração com professores como um importante recurso de apoio durante o fechamento das escolas

(Addi-Racah & Tamir, 2023; Betti, 2021). Ainda assim, muitas delas demonstraram um nível expressivo de insatisfação com as professoras, incluindo o trabalho delas e sua capacidade de ensino durante a pandemia (Addi-Racah & Tamir, 2023), o que as levou a valorizar a educação presencial, em detrimento da remota (Silva, 2021). Elas buscavam as professoras para esclarecimentos em relação às instruções sobre as atividades pedagógicas. As mães do presente estudo também se mostraram insatisfeitas com o ensino remoto, inclusive referindo seu desagrado pelo trabalho das educadoras durante o fechamento das escolas. Novamente, podemos indicar como a carência de rede de apoio se torna importante vetor de sofrimento psíquico àqueles que se viram obrigados a executar funções para os quais não tinham preparo (Streit et al., 2021).

Outro aspecto a destacar é que, de acordo com a literatura, o nível socioeconômico (NSE) das famílias parece ter afetado sua rotina e experiência com a educação dos filhos. Por exemplo, Addi-Racah e Tamir (2023) apontam que mães de menor NSE, que não possuíam trabalho remunerado durante a pandemia, mantiveram mais facilmente uma rotina de estudos para seus filhos, assegurando-se de que eles participassem do ensino remoto. Por outro lado, as que trabalhavam relataram maiores dificuldades e menos tempo para auxiliar seus filhos nos estudos. No presente estudo, embora três das cinco mães tivessem trabalho remunerado, a maioria desempenhava prioritariamente a função de acompanhamento educacional dos filhos, e todas relataram dificuldade de conciliar essa atividade com seus demais compromissos, como o trabalho remunerado e o doméstico. Vale ressaltar que a inserção das mulheres no mercado de trabalho não resultou em mudanças na divisão das tarefas domésticas, tendo como resultado a dupla jornada de trabalho da mulher (Pereira et al., 2024). Assim, no anseio de cumprir adequadamente as tarefas que se acumulam, é possível pensar na autocobrança que se instala entre as mulheres, que pode vir a potencializar os sentimentos de sobrecarga e frustração (Streit et al., 2021).

Um aspecto importante da quase totalidade dos estudos realizados durante a pandemia e que foram aqui revisados (Betti, 2021; Egan et al., 2021; Morgül et al., 2020; Otero-Mayer et al., 2021) é que a imensa maioria das participantes das pesquisas que abordam os cuidados parentais e educacionais foi composta de mulheres/mães. Por exemplo, em mais de metade dos casos entrevistados na pesquisa de Serantes et al. (2021), a mulher era a única pessoa que colaborava com as tarefas escolares dos filhos. No estudo sociológico de Silva (2021), sobre os desdobramentos da educação e da alfabetização remotas, a responsabilidade de acompanhar as atividades educacionais dos filhos recaía exclusivamente sobre a mãe em mais de metade das famílias participantes. É frequente que situações como essa aconteçam independentemente de configuração conjugal e mesmo quando há coabitação da mulher com seu companheiro (Streit et al., 2021), como era o caso de 3 das mães entrevistadas no presente estudo. Esse fenômeno indica que mulheres e mães continuam sendo as principais figuras de cuidado no que se refere à infância, à família e à educação, cenário que não aparenta ter se modificado no contexto da pandemia. Esse fenômeno reverbera também em diferenças de gênero em sua relação com a saúde mental, como destacado por Calvano et al. (2021), que revelou que mães relataram maiores níveis subjetivos de estresse, ansiedade e depressão, quando comparadas aos pais, durante a pandemia.

A ausência ou a baixa participação de homens/pais nos cuidados infantis tende a causar sobrecarga às mulheres/mães em sua rotina familiar, o que frequentemente as leva a buscar estratégias de enfrentamento alternativas para compensar o déficit do envolvimento masculino/paterno. Desse modo, a sobrecarga que recaiu sobre as mães, particularmente durante a pandemia, se traduziu, conforme relatado pelas participantes desse estudo, no uso acentuado pela criança de tecnologias como auxílio para os cuidados. Isso se confirma também em outros estudos, que mostraram que as mídias digitais foram uma importante fonte de informações para as mães durante a pandemia, auxiliando-as nas tarefas de cuidado (Betti, 2021; Silva, 2020). No contexto da pandemia e do distanciamento social, a tecnologia se tornou parte essencial da rotina familiar e escolar de mães e crianças. Nessas circunstâncias, houve preocupação das famílias no que se refere à socialização das crianças (Tonocchi, 2021), especialmente devido ao isolamento social em que viviam, sem poder interagir com outras crianças. A partir da pandemia, essa preocupação cada vez se mostrou mais válida, dado que as ferramentas de tecnologia digital se tornaram imprescindíveis no ensino distanciado das escolas, em concordância com que foi relatado pelas mães do presente estudo. As participantes fizeram

menções especiais ao WhatsApp, fundamental para a comunicação e informação durante o ensino na pandemia, que serviu como mediador entre as famílias e as crianças de um lado, e a escola e as professoras de outro, também destacado por Ávila (2021).

No contexto da educação durante a pandemia, as mães se tornaram a principal figura a desempenhar o papel de educadoras. A falta de formação para exercer essa função, destacado pelas mães desse estudo, se mostrou um grande empecilho para a mesma, bem como uma fonte de sofrimento, angústia e frustração, resultados estes que foram encontrados por diversos autores (Ávila, 2021; Pigatto, 2021; Serantes et al., 2021). Quanto às adversidades e preocupações destacadas pelas mães, desempenhar o papel de educadoras se mostrou um dos maiores desafios para elas, conforme também destacado por Addi-Racah e Tamir (2023).

A literatura aponta a presença de adversidades com a educação dos filhos durante a pandemia como um fator de risco para a saúde mental das mães. Mães que relataram ter experienciado desafios com a educação dos filhos durante a pandemia tiveram maiores níveis de estresse e depressão (Burns et al., 2023). O mesmo estudo indicou ainda que mães que relataram dificuldade em incorporar o papel de professora tiveram taxas maiores de depressão. Como salientado acima, a necessidade de incorporar o papel de professora foi um dos maiores desafios relatados pelas participantes da presente pesquisa, que retrataram de forma incisiva a impossibilidade de atender a todas as demandas da educação distanciada, gerando angústia e sentimentos de impotência. Assim, as participantes do presente estudo também exprimiram sua percepção da imprescindibilidade da escola e do papel desempenhado pelas educadoras. As evidências mostram que, para além do desenvolvimento intelectual e acadêmico, a escola desempenha uma função fundamental na socialização das crianças (Klinko & Carvalho, 2021). Para além da função de aprendizagem, a escola também funciona como uma forma de amparo às mães, que, além de cuidadoras, são também mulheres e trabalhadoras, entre outros papéis pessoais e sociais.

A partir dos resultados do presente estudo, é possível compreender como as concepções sociais sobre as mulheres atribuem a elas posições supostamente inerentes ao gênero, especialmente no que se refere ao cuidado parental e ao trabalho doméstico, historicamente marcados pela sobrecarga e pela invisibilização do trabalho feminino (Pereira et al., 2024). Nesse contexto, a pandemia de COVID-19, parece ter potencializado as experiências de desigualdade e exploração vivenciadas pelas mulheres, no que se refere à soma de ainda outro papel social atribuído a elas: o da educação formal. O isolamento social, ao mesmo tempo em que foi apresentado como medida de proteção, tornou-se também um terreno fértil para a naturalização da sobrecarga feminina. Diante desse cenário, torna-se fundamental o questionamento de papéis de gênero e o fortalecimento de redes de apoio que auxiliem nas funções de cuidado, como a escola.

5. Considerações finais

Os resultados permitiram compreender as experiências de mães em um momento marcante de angústias e incertezas, advindas de um contexto de crise na saúde pública mundial, ocorrido durante a pandemia da COVID-19. As mães destacaram a impossibilidade de educar – em seus sentidos pedagógico e social – sem a presença plena de um outro capacitado para essa tarefa, tendo que assumir uma função estranha a si, produtora de uma assincronia de ritmos e subjetividades. Por se tratar de alunos ingressantes no Ensino Fundamental – momento delicado de transição no desenvolvimento social e emocional para a criança –, as participantes relataram com especial vigor os percalços da escolarização. Também ficou manifesta a diferença exercida pelos papéis de gênero e a conseqüente sobrecarga das mulheres nas funções de cuidado e educação, exacerbadas durante a pandemia.

Os resultados do estudo reiteram a importância de se compreender e respeitar a singularidade das experiências das mães com a educação de seus filhos em um cenário atípico como foi o da pandemia de COVID-19. Certas experiências das participantes se assemelharam em alguns aspectos, ao mesmo tempo em que obviamente divergiram em muitos outros, reforçando o papel da abordagem qualitativa da presente investigação. Dada a extensão

e intensidade das experiências das famílias naquela situação, é plausível pensar que as consequências emocionais e educacionais para as crianças ainda se fazem sentir, mesmo após a pandemia.

Referências

- Addi-Racah, A., & Tamir, N. S., (2023). Mothers as teachers to their children: Lessons learned during the COVID-19 pandemic. *Journal of Family Studies*, 29(3), 1379-1402. <https://doi.org/10.1080/13229400.2022.2048964>
- Ávila, A. C. A. (2021). Alfabetização na pandemia da COVID-19: Um estudo netonográfico em uma turma de 1º ano durante o ensino remoto [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São João Del-Rei]. Plataforma Sucupira. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?po-pup=true&id_trabalho=11140577
- Beltrame, M. M., & Boarini, M. L. (2013). Saúde mental e infância: Reflexões sobre a demanda escolar de um CAPSi. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(2), 336-349. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932013000200007>
- Betti, A. C. M. (2021). Ocupações infantis e pandemia da COVID-19: A percepção das mães [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos]. Repositório Institucional UFSCAR. <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14118?show=full>
- Bianchini, G. (2020, maio 7). Do distanciamento ao lockdown: Saiba etapas do isolamento social. *Estadão*. <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,do-distanciamento-ao-lockdown-saiba-etapas-do-isolamento-social,70003294722>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). Thematic analysis. Em P. Liamputtong (Ed.), *Handbook of research methods in health social sciences* (pp. 843–860). Singapura: Springer Nature.
- Burns, S., Jegatheeswaran, J., & Perlman, M. (2023). I felt like i was going crazy: Understanding mother’s and young children’s educational experiences at home during COVID-19. *Early Childhood Education Journal*, 51, 469-482. <https://doi.org/10.1007/s10643-022-01306-5>
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Egan, S. M., Pope, J., Moloney, M., Hoyne, C., & Beatty, C. (2021). Missing early education and care during the pandemic: The socio-emotional impact of the COVID-19 crisis on young children. *Early Childhood Education Journal*, 49, 925-934. <https://doi.org/10.1007/s10643-021-01193-2>
- Tavares, A. H. F. (2024). A experiência materna com a educação de filhos ingressantes no ensino fundamental durante a pandemia de COVID-19 [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Repositório Institucional UFRGS. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/289665>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. (2024). Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. Rio de Janeiro, RJ: Ministério do Planejamento e Orçamento. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102066>
- Kamers, M., & Baratto, G. (2004). O discurso parental e sua relação com a inscrição da criança no universo dos pais. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(3), 40-47. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000300006>
- Klinko, J., & Carvalho, J. S. F. (2021). Escola remota: Como resistir à domesticação da experiência escolar? *Estilos da Clínica*, 26(1), 58-67. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i1p58-67>

- Martins, V. A. C. (2001). Espaço escolar como herdeiro das funções parentais. *Estilos da Clínica*, 6(11), 27-32. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282001000200004
- Morgül, E., Kallitsoglou, A., & Essau, C. A. (2020). Psychological effects of the COVID-19 lockdown on children and families in the UK. *Revista de Psicología Clínica Con Niños y Adolescentes*, 7(3), 42-48. <https://doi.org/doi:10.21134/rpcna.2020.mon.2049>
- Neves, V. F. A., Munford, D., Coutinho, F. A., & Souto, K. C. N. (2017). Infância e escolarização: A inserção das crianças no ensino fundamental. *Educação & realidade*, 42(1), 345-369. <https://doi.org/10.1590/2175-623655336>
- Núcleo de Infância e Família/Universidade Federal do Rio Grande do Sul – NUDIF (2011). Ficha de dados demográficos. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Núcleo de Infância e Família/Universidade Federal do Rio Grande do Sul – NUDIF (2014). Entrevista sobre a experiência da maternidade - 48 meses. Instituto de Psicologia – UFRGS, Porto Alegre. Instrumento não publicado.
- Ogg, J., Clark, K., Strissel, D., & Rogers, M. (2021). Parents' and teachers' ratings of family engagement: Congruence and prediction of outcomes. *School Psychology*, 36(3), 142-154. <https://doi.org/10.1037/spq0000379>
- Otero-Mayer, A., González-Benito, A., Gutiérrez-de-Rozas, B., & Vélaz-de-Medrano, C. (2021). Family-school cooperation: An online survey of parents and teachers of young children in Spain. *Early Childhood Education Journal*, 49, 977-985. <https://doi.org/10.1007/s10643-021-01202-4>
- Pereira, C. M., Fonseca, L. M., Oliveira, G., & Avellar, L. Z. (2024). Confinadas ao cuidado: Algumas considerações sobre a posição feminina diante da pandemia por COVID-19. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(3), 2729-2743. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i3.13431>
- Pigatto, F. R. (2021). Ensino e tecnologias no Ensino Fundamental: Investigação de práticas de alfabetização em escola de Nova Palma-RS no contexto da pandemia. [Dissertação de Mestrado, Universidade Franciscana]. Biblioteca Depositária Universidade Franciscana. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/view-TrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11008990
- Serantes, J. A., Lenta, M. M., Riveros, B., & Zaldúa, G. (2021). Cuidado infantil y lazos sociales: Aislamiento social de niños y niñas durante la pandemia del COVID-19 em la Argentina. *Desidades*, 29, 16-31. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/desi/n29/n29a02.pdf>
- Silva, J. P. F. (2020). Implicações da pandemia de COVID-19 nas condições e nos modos de cuidado ofertados na primeira infância [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/55473>
- Silva, M. O. (2021). Alfabetização no contexto da pandemia de COVID-19: Estratégias e percepção de aprendizagem por gestores, docentes e famílias. *Revista de Ciências Humanas*, 3(21), 14-42. <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/13401>
- Stake, R. E. (2006). *Multiple case study analysis*. Londres: Guilford Press.
- Streit, A. C. S. S.; Moraes, A. C. P. S.; Rocha, C. M. T.; Gonzatti, L. D.; Paese, R. F.; Silva, V.; ... Boeckel, M. G. (2021). Pandemia da Covid-19: Perspectiva feminina sobre o isolamento social. *Revista Psicologia e Saúde*, 13(2), 197-210. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i2.1090>
- Tonocchi, M. D. B. (2021). A sala de aula na sala de estar: As percepções da criança e sua família nos processos de inclusão e aprendizagem, em tempos de pandemia do Covid 19 [Dissertação de Mestrado, Unisinos]. Repositório Digital da Biblioteca da Unisinos. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/10675>

Wade, M., Prime, H., Johnson, D., May, S. S., Jenkins, J. M., & Brwone, D. T. (2021). The disparate impact of COVID-19 on the mental health of female and male caregivers. *Social Science & Medicine*, 275, 113801. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2021.113801>

Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo* (A. Cabral, trad., 6a. ed.). Rio de Janeiro: LTC Editora.

Anexo A – Roteiro de entrevista sobre a experiência parental com a educação de crianças durante a pandemia

1. Eu gostaria de conversar com você sobre sua experiência com a pandemia de COVID-19.

- Como você e sua família estão hoje em relação à pandemia?
- E como está o/a (nome do/a filho/a)?
- E o início da pandemia, como foi para você e sua família?
- Vocês seguiram as medidas de distanciamento social?
- Como vocês lidaram com as mudanças ocorridas nesse período?
- Você trabalhava fora de casa antes da pandemia?
(Se sim) Seguiu trabalhando? De forma presencial, online ou híbrida?
- E como foi para seu/sua cônjuge?
- Como a rotina familiar mudou devido à pandemia?

2. Eu gostaria que você me falasse sobre o/a (nome do filho) durante a pandemia.

- Como ele/a ficou no início da pandemia?
- E depois, como ele/a lidou com a pandemia?
- Quais mudanças você percebeu?
- Ele/a apresentou alguma dificuldade que lhe chamou a atenção?
- E como ficou o seu relacionamento com ele/a?

3. Eu gostaria de conversar com você sobre sua experiência com a educação do/a (nome do filho) durante a pandemia.

- Ele/a manteve as atividades escolares remotas/híbridas?
- Como foi a adaptação dele/a ao ensino remoto/híbrido? Como ele/a se sentia?
- Como a rotina familiar mudou em relação à educação dele/a?
- E como foi o processo de alfabetização dele/a no período da pandemia?
- Ele/a apresentou dificuldades de aprendizado? (Se sim) O que aconteceu?
- Como você lidou com isso?
- E como a escola/professora lidou com isso?
- Como era o relacionamento do/a (nome do filho) com a professora?
- E com os colegas, como era o relacionamento dele/a?
- Como era a sua comunicação com as educadoras?
- Vocês costumavam conversar? (Se sim) Sobre o que conversavam?
(Se não) Você gostaria de ter conversado mais com elas? Sobre o quê?
- Qual sua percepção geral sobre a educação remota/híbrida?

4. Eu gostaria de conversar com você sobre como está atualmente a educação do/a (nome do filho).

- O/a (nome do filho) frequenta a mesma escola ou ele mudou de escola nesse último ano?
(Se Sim) Como ele/a está na escola?
- O que ele/a tem falado para você?
- Como é o relacionamento dele/a com a professora?
- E com os colegas, como é o relacionamento dele/a?
- Como está a sua comunicação com as educadoras?
- Vocês costumam conversar?

(Se sim) Sobre o que conversam?

(Se não) Você gostaria de conversar mais com elas? Sobre o quê?

- Como você se sente com a sua participação com a educação do/a (nome do filho)?
- O que você acha da escola que ele/a frequenta?
- Tem algo que você acha que poderia ser diferente?

5. Eu gostaria de conversar com você sobre como era a educação do/a (nome do filho) antes da pandemia.

- O que levou você a escolher a escola que ele/a frequentava?
- Como foi a inserção dele/a na escola?
- Como era o relacionamento dele/a com a professora? E o que mudou com a pandemia?
- E com os colegas, como era o relacionamento dele/a? E o que mudou com a pandemia?
- Como era a sua comunicação com as educadoras? E o que mudou com a pandemia?
- Como você se sentia com sua participação na educação do/a (nome do filho)? E o que mudou com a pandemia?
- Você participava das atividades educacionais? O que fazia?
- O/a (nome) buscava sua ajuda para lidar com as questões escolares? E o que mudou com a pandemia?
- A escola buscava você para tratar de questões referentes à educação dele/a? E o que mudou com a pandemia?

Editoras Responsáveis: Débora Patricia Nemer Pinheiro e Thainara Granero de Melo.

Recebido/Received: 18.06.2025 / 06.18.2025

Aprovado/Approved: 26.01.2026 / 01.26.2026